

40. Padre Aurélio Corrêa
Sanguinês Ana de A.

Jornal republicano, literario e noticioso, defensor dos interesses do concelho e da região bairrada

DIRECTOR, ADMINISTRADOR E EDITOR,
Augusto Simões da Costa

Redacção e administração — QUINTA NOVA — Palhaça

Redactores

Manuel dos Santos Pato
Adelino Augusto de Macedo
Tiago A. Ribeiro

PROPRIETARIOS

AUGUSTO COSTA & C.ª

Composto e impresso na Tip. VITALIDADE—Aveiro

HORA DE TRIUNFO!

Viva a Patria!

Viva a Republica!

Está definitivamente liquidada a criminosa aventura dos monarchicos, que deverá ser a ultima se, de futuro, os governos da Republica souberem cumprir a sua missão.

Sob a crapulosa bandeira dos traidores, que se mostraram bem dignos mandatários da Alemanha, usando os mesmos ignóbeis processos dos «boches», praticou-se toda a especie de banditismo. Mas, foram dominados e com elles todos os que lhes permitiram a traição. Já não foi sem tempo, e era absolutamente necessário, porque o Paiz não podia viver em continuas perturbações. Precisa que lhe garantam um regimen de tranquilidade, que só a Republica lhe póde assegurar. E' essa a aspiração dos bons portuguezes, dos espiritos liberais e justos. Mas para isso é tambem indispensavel que, sem violências desnecessarias, se não permitam jámais transigências ou fraquezas que rebaixem os patriotas e aproveitem aos traidores.

O povo portuguez, o Exercito e a Marinha de Guerra, acabam de demonstrar, nitida e flagrantemente, que amam e querem a Republica, detestando a Monarquia. Por isso, este jornal, intransigentemente republicano, lhes presta a sua modesta, mas bem sentida homenagem, associando-se, nesta hora de triunfo, e por entre os festões da vitória, ao intenso júbilo e entusiasmo delirante que brotam dos seus corações, clamando, bem do intimo da sua alma:—VIVA A REPUBLICA!

Ou agora, ou nunca!

Estamos em periodo revolucionario. A Republica acaba de triunfar da mais grave de todas as conspirações, do mais traiçoeiro e inaudito golpe que os monarchicos sem honra, sem dignidade e indignos do nome de portuguezes, lhe podiam vibrar. Não é a primeira, não é a segunda, não é a terceira vez que os realistas atraioam a sua palavra de honra e os homens que nelas teem acreditado. O momento é soléne e deverá ser decisivo. A Republica provou mais uma vez e sempre que possui o direito de governar em Portugal, mostrando tambem que chegou o momento de se defender, castigando de uma maneira exemplar os seus poucos mas audaciosos inimigos.

Não sabemos, nesta hora de anciedade, qual será a attitude do governo, perante este vergonhoso, desonrado e antipatriotico procedimento dos monarchicos. Em toda a parte as repartições do Estado Republicano estão dominadas por monarchicos impenitentes, que não podem, nunca puderam reprimir, mesmo ostensivamente, o seu odio á Republica e á Democracia. Nas ruas de Lisboa e em toda a parte, repetimos, onde ha repartições publicas, campeiam, infrenes, funcionarios civis ou militares que, ai de nós!, juraram aos seus deuses e aos seus principios, conspirar, sempre, conspirar até á morte. Não pode ser, não ha de ser, ou este pobre paiz jámais terá socego para trabalhar erguendo-se á altura das suas responsabilidades historicas. Agora, ou nunca, ditava o jor-

nal monarchico «Patria», do Porto, na véspera de ter a sua eclosão a guerra civil, que os monarchicos desencadearam no paiz e que acaba de ser dominada. Agora, ou nunca! — gritam todos os republicanos, todos os liberais ou a Liberdade, a Patria e a Republica se desembaraçam dos seus inimigos, ou os destinos de tudo isto que é portuguez estão irremediavelmente comprometidos. Revoluções não mais triunfarão em Portugal e mesmo na Europa, que não sejam para a frente! E, para evitar revoluções é preciso que aos monarchicos seja aplicada a pena de Talião. Não pedimos esparancas, castigos corporais, assassínatos, que era o que esperavam os republicanos, se agora fossem vencidos; mas pedimos a Republica para os republicanos. Ou agora, ou nunca!

O governo tem de entrar no verdadeiro caminho, no caminho que todos os republicanos lhe indicam, se a sério quer salvar e acautelar o regimen de outras e outras traições. No parlamento, já um deputado, o sr. capitão Cunha Leal, falou inequivocamente e crémos que interpretou o sentir dos republicanos que amam a Liberdade e a Patria, dizendo:

Para condenar tanta tolerância para com o inimigo e para aconselhar ao governo a que use para com os que atacam a Republica, de todas as medidas e providencias inorgánicas, sem preocupações de respeito pela Constituição, pois estando nós em guerra civil e sendo a revolução um acto ilegal, não se pode combater os

ECOS

Um aborto...

Ha já tempo que por ai se corre a noticia de uma velha conhecida, quando franceza, e quando portugueza, e quando maxima de Lisboa, e quando maxima do marquez de Pêligrini—o grande Cagliostro — exaltados apostolos, uns, charlotões de estirpe, outros, da nova sciencia hermetica, trouxeram até á ribalta galante dos salões portuguezes algumas sessões aparatosas de mesmerismo. Porém, o exito que obteve entre nós esta exhibição de ocultismo foi, pode dizer-se, verdadeiramente efémero e inglorio, visto que o janotismo moço dessa época, o mais apto a receber e propagar a misteriosa sciencia, pouco interesse lhe dispensou, embevecendo-se muito mais nas sessões de fisiologismo galante que nos palcos da capital lhe davam os corpos sediciosos da Petronilha, da Gamarra e Zamparini, em réclamos intermitentes de sensualismo hespanhol e italiano.

Quasi um seculo depois, em 1860, tendo já invadido toda a Europa, o espiritismo entrava igualmente em Portugal, conduzido pelo proselitismo fervoroso do conde de Tomar, no palacio do Poço Novo.

Houve um momento de ruido e de admiração. A nova sciencia fazia estremecer os dominios do tempo e da propria morte, e, no pequeno espaço dum gabinete ou de uma sala velada por uma obscuridade ritual, comunicava com as civilizações obumbradas na poeira remota das idades. Os seculos animavam-se, os seus vultos voltavam á vida verbal! Por isso, ao contrario do que havia succedido com a aparição do mesmerismo, reflectia-se agora mais. Organizavam-se algumas sociedades, escolhiam-se salões para sessões occultas.

E o espiritismo, embora não criasse uma religião de adeptos, não morria, contudo, assinalando-se em uma ou outra sessão mais celebre e ainda assim mantendo a existencia no pensamento portuguez.

E assim foi que, mais aperfeiçoado, estudado já dentro de bases scientificas, com as demonstrações cada vez mais profundas que a França enviava a todo o mundo, valem um apostolismo celebre a D. Antonio Pessanha que, o reditor engenheiro, foi o presidente do club onde uma verdadeira liguagem de ocultismo se celebrava. Era neste club que havia uma materialização interessante de Katie King, de William Crookes, de que nós possuímos uma reprodução fotografica, e onde além de Alberto Possolo e a actriz Maria Falcão, servia de medium um inglês «loiro, herculeo», como diz a crónica, escolhido positivamente em Londres por intermedio duma entidade espirita daquela cidade.

Mais tarde, ainda em Lisboa, numa sala do restaurante Silva, o espiritismo via-se apoteosado numa sarça ardente de paixão fervorosa, a que o elevava o ardor mental duma pleiade de entusiastas illustres. A esta sessão, promovida pelo marquez de Fontes, assistiam além deste fidalgo, Bernardo Pindela, depois conde de Arno, Eduardo Burnay, o dr. May Figueira, Carlos Mayer, e, sobre toda a legião de iniciados, o engenheiro Sarrea Prado, agora envergando a dalmática do sacerdotio espirita com a morte do velho D. Antonio Pessanha.

E' nesta reunião memoravel da sciencia do Além que vemos aparecer Fernando Caldeira, o egregio poeta da vizinha casa da Borralha. Não com a timidez dum iniciado recente, sem já possuir essa flexibilidade de ânimo que fez desmaiar o moço Eduardo Burnay, então quintanista de medicina, deante da hipnose cataléptica da joven hespanhola que servia de sujet na sessão a que nos reportamos, mas sim com o entusiasmo forte e alegre de quem já de ha muito vivia no arrebatamento psiquico das aventuras transcendentales do ocultismo, a que se tem dedicado espiritos como os de Richet e Bergson, Aksakof, Lombroso, W. Crookes e o admiravel Flammarion.

Temos pois que estudar, sempre que nos votarmos á volupia estetica da arte rendilhada e olorosa como uma louçania galante do poeta da Mantilha e da Madrugada, além da subtiliza encantadora do Cellini de versos adoraveis, a tecelagem

Figuras da Bairrada

O poeta Fernando Caldeira e o «Espiritismo»

em fins desse garboso e quando franceza, e quando portugueza, e quando maxima de Lisboa, e quando maxima do marquez de Pêligrini—o grande Cagliostro — exaltados apostolos, uns, charlotões de estirpe, outros, da nova sciencia hermetica, trouxeram até á ribalta galante dos salões portuguezes algumas sessões aparatosas de mesmerismo. Porém, o exito que obteve entre nós esta exhibição de ocultismo foi, pode dizer-se, verdadeiramente efémero e inglorio, visto que o janotismo moço dessa época, o mais apto a receber e propagar a misteriosa sciencia, pouco interesse lhe dispensou, embevecendo-se muito mais nas sessões de fisiologismo galante que nos palcos da capital lhe davam os corpos sediciosos da Petronilha, da Gamarra e Zamparini, em réclamos intermitentes de sensualismo hespanhol e italiano.

Quasi um seculo depois, em 1860, tendo já invadido toda a Europa, o espiritismo entrava igualmente em Portugal, conduzido pelo proselitismo fervoroso do conde de Tomar, no palacio do Poço Novo.

Houve um momento de ruido e de admiração. A nova sciencia fazia estremecer os dominios do tempo e da propria morte, e, no pequeno espaço dum gabinete ou de uma sala velada por uma obscuridade ritual, comunicava com as civilizações obumbradas na poeira remota das idades. Os seculos animavam-se, os seus vultos voltavam á vida verbal! Por isso, ao contrario do que havia succedido com a aparição do mesmerismo, reflectia-se agora mais. Organizavam-se algumas sociedades, escolhiam-se salões para sessões occultas.

E o espiritismo, embora não criasse uma religião de adeptos, não morria, contudo, assinalando-se em uma ou outra sessão mais celebre e ainda assim mantendo a existencia no pensamento portuguez.

E assim foi que, mais aperfeiçoado, estudado já dentro de bases scientificas, com as demonstrações cada vez mais profundas que a França enviava a todo o mundo, valem um apostolismo celebre a D. Antonio Pessanha que, o reditor engenheiro, foi o presidente do club onde uma verdadeira liguagem de ocultismo se celebrava. Era neste club que havia uma materialização interessante de Katie King, de William Crookes, de que nós possuímos uma reprodução fotografica, e onde além de Alberto Possolo e a actriz Maria Falcão, servia de medium um inglês «loiro, herculeo», como diz a crónica, escolhido positivamente em Londres por intermedio duma entidade espirita daquela cidade.

Mais tarde, ainda em Lisboa, numa sala do restaurante Silva, o espiritismo via-se apoteosado numa sarça ardente de paixão fervorosa, a que o elevava o ardor mental duma pleiade de entusiastas illustres. A esta sessão, promovida pelo marquez de Fontes, assistiam além deste fidalgo, Bernardo Pindela, depois conde de Arno, Eduardo Burnay, o dr. May Figueira, Carlos Mayer, e, sobre toda a legião de iniciados, o engenheiro Sarrea Prado, agora envergando a dalmática do sacerdotio espirita com a morte do velho D. Antonio Pessanha.

E' nesta reunião memoravel da sciencia do Além que vemos aparecer Fernando Caldeira, o egregio poeta da vizinha casa da Borralha. Não com a timidez dum iniciado recente, sem já possuir essa flexibilidade de ânimo que fez desmaiar o moço Eduardo Burnay, então quintanista de medicina, deante da hipnose cataléptica da joven hespanhola que servia de sujet na sessão a que nos reportamos, mas sim com o entusiasmo forte e alegre de quem já de ha muito vivia no arrebatamento psiquico das aventuras transcendentales do ocultismo, a que se tem dedicado espiritos como os de Richet e Bergson, Aksakof, Lombroso, W. Crookes e o admiravel Flammarion.

SOL NASCENTE

A Portugal—hoje, a proposito, estes versos de outubro de 1910.

(Ao heroico dr. Antonio da Costa Ferreira)

Liberta, emfim, dos parasitas régios,
O' velha nau de cujo mastro em ruínas
Pendia em luto o ideal pendão das quinas
Que viu mil feitos bélicos egrégios!

Surge a Esperança e morrem privilegios...
— Para longe as tristezas assassinas!
— Surjam ás mil escolas peregrinas!
— Não mais roupetas a ensombrar colegios!

Já doira um novo sol nossa existencia.
Um côro forte se ergue—In lependencia!—
E um poema de amor:—Fraternidade!

Guerra sem treguas, pois, ao retrocesso!
Para o Bem, para a Luz, para o Progresso,
Em sonho e em ancia, ao sol da Liberdade!

Antonio Barata.

vaporosa de sonhos bizarros— quantas vezes, quem sabe? inspiradores de gratos poemilhos românticos — que a gosto havia de realizar a tendencia nevrosista do *chameur*.
Diz-nos ainda a crônica de noites no Martinho, no teatro D. Maria e em diversos palacios de fidalgos do tempo, onde uma série de episódios se desenrola em redor das penumbras radiosas do espiritismo, o qual vai suggestionando o interesse de alguns Novos, como sejam o dr. Marcelino de Mesquita, Betenourt Rodrigues e outros, e onde a do auctor do *Sapatinho de* todas as vezes a plauso e a sua... sempre

ulto de artista fidalgo, duma fidalguia geneológica, vinda dos tempos austeros dos Condestaveis e dos Aviz, nobre raça, nessa pureza ancestral que imprime á fisionomia um traço patricio inapagavel, nele esmaltada por uma barba loira de legendario de tela flamenga, insinuava facilmente atracção, o que mais concorria ainda para o seu prestigio dentro da sciencia a que se dedicava. Por isso na vida galante dos camarim algumas figuras apparecem em volta do poeta servindo em *passes* hipnoticos e demonstrações mediuimicas, como por exemplo, Amelia da Silveira, que Fernando Caldeira, uma noite, encontrando-a no camarim entre uma roda *raffiné* de admiradores, que cavaqueavam com a actriz, viu empalidecer de repente e tombar, adormecida, sobre o sofá azul, num profundo sono de influencia psiquica.

Pelo que acabamos de apontar, fica assim sabendo-se como era tambem um devoto do culto espirita de Léon Denis, Eugenio Nus e Emma Hardinge, o poeta delicado das *Mocidades* e tantos outros versos formosos e ritmados como coros helénicos, cuja fronte gloriosa foi a mais pomposamente coroada pelas mãos divinas das Musas, sobre este sólo florido e veridante da Região da Bairrada, em que o poeta, por mercê de Deus, nasceu, para beleza e orgulho desta terra bela a que nos regosijamos de pertencer.

GIESTA, Fevereiro de 1919.

ANTONIO DE CERTIMA

Da Pleiade Bairradina

Assinantes que pagam

Dignaram-se mandar pagar as suas assinaturas os ex. mos srs. Manuel Barbosa, Troviscal; Manuel A. Ferreira Pires, Povoá do Forno; Diamantino Martins, Quinta Nova; Manuel Simões da Conceição, Taboão; José Marcelino, Vila Nova da Palhaça; Roberto Marques de Vasconcelos, Bemposta; Joaquim de Seabra Coelho, Mamarrosa, e Manuel Francisco Pedreiras, Povoá.

Uma prisão

Devido aos ultimos acontecimentos politicos, foi ha dias preso e entregue ás autoridades do distrito o rev.º Gabriel Duarte Martins, paroco da freguezia da Mamarrosa.

Que em breve se apurem as responsabilidades, com pleno esclarecimento da verdade, para que se faça justiça, são os nossos desejos.

Do Distrito de Aveiro, que é director o

Estabeleceram os principios... aceitem as consequencias...

Todo o funcionario publico, que esboçar o menor gesto aggressivo contra a Republica, deve ser demittido. E traidor será o republicano que tentar manter no cargo um tal funcionario.

Manifestações

A filharmonica *Unido*, de que é regente o nosso amigo sr. Alfredo Rodrigues, revolucionario do 31 de Janeiro e por iniciativa deste tocou no ultimo domingo junto dos Paços do Concelho, festejando o triunfo da Republica. Juntou-se bastante povo da vila, falando os nossos amigos srs. Tiago Ribeiro e Antonio Joaquim de Carvalho enaltecendo e saudando as forças de terra e mar e civis que derrotaram a monarchia dos *traubiteiros* e dos traidores.

Houve bastante animação, queimando-se muitos foguetes.

Com toda a satisfação louvamos a digna iniciativa do sr. Rodrigues, que mais uma vez provou o seu velho republicanismo e bem assim todos os filarmónicos que tão prontamente acudiram á chamada do seu digno regente.

Tambem em sinal de regosijo pela victoria da Republica a musica da Palhaça acompanhada de muito povo, percorreu, no domingo, as ruas de Bustos e outros logares limitrofes, sendo por essa occasião queimados muitos foguetes e morteiros.

Dr. Costa Ferreira

Chegou ante-ontem á sua casa desta vila, vindo do Porto, o nosso amigo e distinto clinico sr. dr. Costa Ferreira, que com as tropas republicanas fez de Agueda até ao Porto a campanha contra os couceiristas.

Os seus numerosos amigos prepararam-lhe uma carinhosa manifestação, a que a *Alma Popular* jubilosamente se associa.

Poi imponente a manifestação feita ao nosso amigo dr. Antonio Costa Ferreira, illustre clinico nesta vila, tocando a banda de musica desta vila a «Portuguêsas», queimando-se girandolas de foguetes.

Discursou o nosso amigo Antonio de Carvalho, professor primario, enaltecendo o feito heroico do dr. Costa Ferreira a quem um grande amor á Republica o levou á cidade do 31 de Janeiro.

O nosso companheiro Tiago Ribeiro, tambem salientou a maneira nobre e ativa como o dr. Costa Ferreira se tem salientado em defeza da Republica, não esquecendo, mesmo de longe, o nosso concelho, pondo-o em destaque e livrando-o da derrocada do partido monarchico.

Aproveitando o momento, os republicanos solidificaram a sua unidade envolvendo num elo forte a bandeira verde-ru-bra, simbolo da Liberdade, Ordem e Trabalho.

O dr. Costa agradeceu, comovido, a manifestação que foi alvo, dizendo que perante o perigo que ameaçara a Patria e a Republica não podia estar impassivel, por isso caminhou de frente levantanda, para o perigo, cumprindo firmemente o seu desejo de ardente republicano, ajudando a libertar os povos oprimidos e abrir as portas das prisões dos martyres da Republica.

Findou esta tocante e significativa festa, com ordem e ininterruptos vivas á Republica, aos heroicos Marinheiros, forças de terra e povo republicano.

Ex.º Presidente da Republica

LISBOA

Redactor. jornal *Alma Popular* até aqui coartado direito pensamento, saudá sinceramente v. ex.ª qualidade Alto Representante do heroico liberal Vitoria Republica.

TIAGO RIBEIRO.

Tiago Ribeiro

O. DO BAIRRO

Sua ex.ª sr. Presidente da Republica encarrega-me de agradecer patrioticas saudações de v. ex.ª.

FERRAZ, ajudante campo.

Teofilo Reis

Cirurgião-dentista

RUA DIREITA, 34 — AVEIRO

Consultas em Oliveira do Bairro ás quartas-feiras.

Ainda não desarmaram

Restaurada a Republica após a sedição monarchica, de que resultou a guerra civil que mostrou toda a fraqueza, toda a impotencia dos realistas ante o indomavel poder da alma republicana, ainda os monarchicos não deposeram as armas, começando já, mal triunfou a Republica, a sua obra miseravel de cobardia e traição.

Rancorosos por espirito de facção e malvados por uma educação viciada e coacta, os reacionarios cobardemente operam já na mesma obra traiçoeira e vil que acarretou ao Paiz a tentativa de restauração monarchica de 19 de Janeiro. Infelizmente assim succede. Com bem justificada indignação vemos que succede assim.

Os monarchicos, apesar dos couceiristas terem liquidado miseravelmente sob o impulso freme e augusto dos soldados heroicos da Republica, traiçoeiramente, envoltos no campo da hipocrisia, recommencam a obra que ha de enterrar a Republica, se os republicanos, a tempo, não lhe fizerem a mais formidavel guerra, a mais forte opposição. Se os republicanos não tiverem juizo, se continuarem a olhar tudo com a demasiada confiança que sempre depositaram nos seus irreconciliaveis inimigos, ver-se-hão, dentro em pouco, numa situação identica áquella de que agora saíram com muito sacrificio e porque a felicidade lhes sorriu.

Os republicanos, pela sua benevolencia, pela sua generosidade são verdadeiros criminosos que, creando uma situação difficil para si, põem em grande perigo a Republica. Os republicanos são, pelo seu desleixo, a causa primacial da conspiração contra a Republica. Com imensa mágnã o dizemos, mas dizemos a verdade.

Os monarchicos, aqueles que se intrometem na politica, teem a habilidade de se insinuarem, penetrando muito ardidamente até ás autoridades republicanas que algumas vezes se corrompem, mas muitas vezes iludem e enganam.

Em Anadia, por exemplo, onde sempre imperavam os monarchicos, tanto no tempo da monarchia como no tempo da Republica, são ainda os mesmos monarchicos—depois de terem exercido sobre os republicanos, durante um periodo de 13 mezes, as violencias mais infames e as perseguições mais cobardes—que pretendem tomar o mando nas suas mãos, manchadas ainda dos crimes cometidos naqueles 13 mezes, as violencias mais infames e as perseguições mais cobardes—que pretendam tomar o mando nas suas mãos, manchadas ainda dos crimes cometidos naqueles 13 mezes, para não falarem das prepotencias que antes daquelle periodo, em plena Republica, exerceram contra os republicanos. E presume-se que os monarchicos conquistem o mando em Anadia, devido á criminosa proteção que ás autoridades lhes dispensam, começando pelo sr. governador civil do distrito e acabando pelo sr. administrador do concelho que, abusando da autoridade que lhes confiaram os republicanos, dela se servem para entregar nas mãos dos monarchicos aquilo que tanto sacrificio, tanta lagrima, tanto sangue tem custado aos republicanos—a Republica.

A autoridade da Republica que nesta hora grave se mancomuna com os monarchicos, não comete uma simples leviandade, uma simples falta que mereça apenas uma demissão de logar; comete um crime de lesa-Patria que merece alguma coisa que se imponha como um grande exemplo—o fuzilamento.

A autoridade da Republica que se bandeia com os monarchicos é cúmplice de traição e cobardia, é o ente da peor raça, é o cancro da peor especie e como tal deve ser eliminada para que a Patria não corra perigo.

Em Anadia ainda não foram nomeadas as commissões administrativas porque nem o sr. governador civil, nem o sr. administrador querem commissões de republicanos, pretendendo que sejam nomeadas commissões de monarchicos ou, pelo menos, em que os monarchicos tenham a parte mais importante.

Cosa semelhante se está passando no concelho de Vagos, mas sem a cumplicidade do administrador. Neste concelho, pretende o sr. governador civil, contra a vontade do administrador do concelho que as commissões sejam compostas simplesmente de monarchicos. Isto prova-se. O administrador que é republicano, está disposto a propôr commissões de republicanos até onde os houver, sendo por esse motivo que ainda não estão nomeadas, visto o sr. governador civil pretender que sejam compostas de monarchicos.

Em Anadia, sendo fundamentalmente assim, ha uma pequena differença: governador civil e administrador do concelho estão plenamente de accordo. Ambos querem os monarchicos a mandar.

Sabemos que é indigitado para presidente da camara em Anadia um individuo que é monarchico ou republicano, conforme as suas proprias conveniencias, pois era monarchico antes de 5 de outubro, republicano evolucionista depois d'aquella data, sidonista durante o reinado de Sidonio, monarchico em 21 de Janeiro findo, quando julgou que o movimento monarchico triunfava e novamente republicano evolucionista, mal perdeu a esperança de triunfar a monarchia.

Num concelho como Anadia, em que ha tantos republicanos, leaes servidores da Republica e, ao mesmo tempo, homens de vida honesta e inteligentes, preterem-se estes republicanos para entregarem os logares de confiança da Republica a pessoas inimigas d'ela!

Isto é deshonesto, isto é criminoso, isto é infame.

O sr. administrador do concelho de Anadia usa da politica dissolvente do sidonismo. Os sidonistas pretendiam formar partido á custa dos monarchicos e aniquilando o partido democratico. O sr. administrador de Anadia está na mesma. Como em Anadia não ha evolucionistas, s. ex.ª que é evolucionista, chama a si os monarchicos excluindo e afastando os republicanos democraticos. Haja em vista o que se passa tambem com os regedores. São os mesmos da antiga monarchia.

São todos monarchicos. Alguns conhecemos nós que saíram de regedores em 5 de outubro, tornaram a entrar com Pimenta de Castro, saíram depois pelo 14 de maio, entrando novamente com a revolução sidonista e conservando-se ainda nos seus logares por graça do sr. administrador do concelho.

Isto é o cumulo de deslealdade á Republica, isto é trair a Patria.

Neste momento, sr. governador civil do distrito e sr. administrador do concelho de Anadia, abata-mos as bandeiras politicas por amor á Patria e á Republica. Não nos deixemos arrastar pela estúpida ambição de engrandecermos os nossos partidos porque perderemos a Republica e, com Ela a Patria. E se na hora actual não poderdes abafar no peito a natural inclinação partidaria, sr. governador civil do distrito e sr. administrador do concelho de Anadia, então sahi, então abandonai os vossos logares para bem da Republica e da Patria.

ANTONIO DE OLIVEIRA.

Alma Popular

Publicação semanal (temporariamente quinzenal).

(Pagamento adiantado)

Ano..... 1 escudo

Para o estrangeiro..... 2 escudos

Redação e administração—QUINTA NOVA

Palhaça

Pagina subversiva...

DISCORRENDO

(Censurado do n.º 3, de 12-XI-1918)

Quem tiver assistido serenamente, á *lita* interminavel de acontecimentos sensacionais que desde dezembro se vêm desenrolando, pasmará da hipocrisia e do cinismo com que são praticados actos verdadeiramente selvagens, num atropelo doido á justiça, sobretudo no que diz respeito á *pacificação da familia portuguesa*, tão apregoada pelo inimigo da demagogia.

Ingenuos, como somos, acreditamos numa possível regeneração da sociedade portugueza e nas apregoadas boas intenções dos dezmbristas que se propunham estabelecer a paz na irrequieta e turbulenta sociedade, ao mesmo tempo que, como medidas de fomento e previdencia, trariam a abastancia ao povo faminto e desenvolveriam a riqueza nacional.

E firme nessa crença, a nossa attitude foi desde as primeiras horas triunfantes da revolução de benevolta expectativa para os seus fautores e, consequentemente, para a sua obra.

Era preciso acabar com a politica de retalições e latrocinios, pôr, enfim, um dique á corrente de desmandos que parecia querer avassalar tudo—pensavamos. Que triunfe o regimen de moralidade e de justiça e ficará satisfeito o nosso republicanismo.

Mas a fatalidade quiz que mais uma vez vissemos desrespeitar impiedosamente a lei e, ouvidos fechados á voz calamitosa dos famintos, embargarem-se umas duzias de fajardos, sorrindo maliciosamente da incompetencia dos apregoados salvadores da Patria e... das batatas.

Iniciava-se uma republica nova que, para em tudo ser diferente da implantada em 1910, amordaçava a opinião publica e ia buscar aos descendentes das falidas hostes miguelistas a fina flôr dos caceteiros que havia de estrangular a liberdade!

Pacificava-se a cacete e de tal forma que algumas vozes emudeceram sem poderem tributar aos pacificadores as mais breves palavras de agradecimento...

Magnanimidade duma revolução que se propunha restabelecer a paz e arrancar o governo das mãos demagogicas de maus monarquicos!!

Abolindo a censura logo a seguir á aventura de dezembro, restabelecer-na mais tarde para casos referentes á guerra, unicamente. E tão convencidos estão os senhores do paiz que a opinião publica se encontra num estado permanente de revolta contra o que ha mezes se vem praticando que a censura, escudada na violencia e no arbitrio, cá impiedosamente contra tudo o que belisque actos de administração menos honestos quer praticados superiormente quer cá por baixo.

E é assim que se pacifica a familia portugueza? E' assim que se acaba com a demagogia estabelecendo a ordem e a moralidade?

Não. Assim anarquisa-se a familia portugueza, criam-se sectarios, e prepara-se o paiz para uma derrocada cujas consequências apavoram.

Celas.

ECOS

Para a historia (Idem)

Sem qualquer comentario, que a censura talvez não permitisse, transcrevemos do *Seculo* os seguintes periodicos edificantes:

«O sentimento dedicado da situação está tão obliterado nos nossos homens de governo, que a cada passo se manifesta. Veja-se o facto, recente, de alguns membros do governo irem levar ao *Dia*, pessoalmente, o testemunho da sua satisfação pelo malogro do ataque que chegou a desenhar se contra aquele diario, quando é certo que jornais republicanos sofreram com maior gravidade identico enxovalho, sem que por parte das auctoridades tivesse havido sequer um gesto de protecção ou de defeza, como lhes cumpria! Estas desigualdades de tratamento, de todo o ponto injustificaveis, tomam em occasiões de excitação politica, como a actual, aspectos de provocação, que mais excitam os odios e incendeiam paixões.»

Que santi Jadel (Idem)

Lemos na «Liberdade», jornal católico do Porto, estas evangelicas palavras:

«...uma situação que passa o tempo a soltar conspiradores e a cortejar inimigos que lhe respondem com o mais eloquente e desdenhoso desafio. O sr. Egas Moniz tem já ás costas o crime de Coimbra, gerado no traçoireiro ataque ao official Solano. Pelos modos prepara se para outros. E' muito compreensivel que os officiais do exercito, que tornaram possível a sua velha ambição de ser ministro, não estejam dispostos a ser chacinados por uma inabil e inexplicavel politica do homem das polainas.»

Hão de ser canonisadas estas alminhas do Senhor...

Vitoria!

(Do n.º 3)

Este facto (a participação de Portugal na guerra) enche-nos de orgulho, dando-nos ao mesmo tempo, como ha pouco comentava um jornal, motivo para lamentarmos o condenavel desleixo dos actuais governantes, por não terem reconstituído, conforme seu dever e compromissos, o Corpo Expedicionario Português, levando assim a melhor éxito o nosso esforço iniciado.

De volta...

(Idem)

(A cerca da ida e volta do representante de Portugal junto da Santa Sé:)

... De maneira que foi por... e veio por albarda!

Certo é, porém, que passou por lá de borla, isto é, á custa do Estado, que é como quem diz: por conta do *Zé-povinho*.

Mas quem teria a genial ideia de mandar para Roma, onde se passa a vida a fazer vênias aos rev.ºs padres, beijar o anel aos srs. bispos, homenagear o representante de Cristo na terra, um joven capitão de cavalaria, habituado a lidar com recrutas e solipedes?!...

Conversando...

(Idem)

(Nesta secção, depois de um dos dialoguistas falar em varios acontecimentos, o outro, que se manteve sempre calado, responde por fim:)

Peio Troviscal

(Censurado do n.º 2, de 2-11-1918)

Neste cantinho, essencialmente republicano, tem-se sentido alguns dos efeitos maquiavélicos da desembrada.

Havia já tempo que a junta desta freguezia fora dissolvida e nomeada uma comissão, feita á imagem e semelhança da... dita desembrada, que só ha dias tomou posse.

Para que se avalie bem o republicanismo daquela comissão bastará dizer que tendo já tomado posse em 5 de Outubro p. p. não se dignou, naquele dia, como de costume, arvorar na casa das sessões o simbolo da nossa querida Patria!

Talvez fosse para não desgostar o S. Tomé que está aprendendo a politica dezembrista, visto que é em sua casa que hoje se fazem as sessões, ou para não desgostar o respetivo presidente dessa coisa que para ai está fingindo de junta de paroquia e usurpando o logar dos eleitos do povo.—X.

CHALET

Joaquim de Seabra Coelho, da Mamarrosa, vende um chalet (antigo hotel Santos) na Mata de... Quem se quer anunciar...

—Valha-o a Senhora d'Agrela, que não ha santa como ela, Compadre! Você, se não tocou já no vinho novo, parece-o. Então não vê acollá a Censura a espreitar-nos e decerto prestes a dar o assalto? Não sabe o que essa illustre matrona já nos fez no sábado passado? Separemo-nos, quanto antes, se não ela vem aí e aperta-nos desalmadamente os gorgomilos, estrangula-nos por completo. Fuja, raspe-se, Compadre!...

—Tem razão, Compadre amigo. Adeus, adeus! Em havendo liberdade de palrar... palraremos. Até lá... nem pio!

Subindo sempre

(Do n.º 4)

(Final de um suelto onde se constatava o aumento escandaloso da franquia postal e telegráfica).

E' mais um esticão nos cordões da bolsa do *Zé-Povinho*. Mas cuidado com tanto puxar, porque se eles partem... oh ceus!

Armada até aos dentes

(Do n.º 6)

Como é já do dominio publico, a policia encontra-se, por todo o paiz, militarizada. Carabinas, pistolas, sabres, cornetas e tambores!...

A proposito desta novidade, o nosso colaborador, dr. Lucio Vidal teve o seguinte e feliz comentario:

—E' como se nós, não satisfeitos com o perigo que pôde causar as armas naturais dum touro, lhe collocassemos, nas hastes, afiados punhais.

E ainda se não lembraram de a dotar com um morteiro pezado no arcaboço!

Horas de silêncio

(Do n.º 7)

Coisa curiosa notamos nos jornais do Porto:—Nem um viva á Republica é soltado pelas juntas e sinceros... portuguezes, enquanto que nos jornais de Lisboa ainda se não deixou de preferir com entusiasmo o nome Republica. Porque será?

Sedição

(Censurado do n.º 4, correspondente a 23 de Novembro)

Por obra e graça do Acaso veio-me parar ás mãos um exemplar do n.º 900 da «Beira Alta», de 20 de outubro findo, que se publica em Santa Combadão.

Li, e, francamente, fiquei cheio de pasmo de vêr tanto atrevimento, tanta audacia!

Nas suas colunas atreve-se «Dominó Verde», num artigo-lho, que mais parece uma brincadeira carnavalesca, a aconselhar e a pedir ao Povo que acabe de vez com a Republica.

Conta «Dominó Verde» que na sua linda Santa Combadão tambem houve em tempo duas belas filarmónicas—uma Velha e outra Nova—que eram uma fonte de odios, uma fabrica de zaragatas que só deixou de laborar e estancou quando ambas as bandas se extinguiram.

Sem querer comparar as duas Republicas, a Velha e a Nova,—diz «Dominó Verde»—ás duas filarmónicas que houve na sua linda Santa Comba, parece-lhe que o melhor, para que o socego volte a este paiz que com uma Republica já custava a entender-se, quanto mais com duas! seria que a Nação se resolvesse a voltar á situação em que se encontrava, com um programa de acções definidas, a gozar aquela paz que disfrutou em nossos tempos até 1910...

Aconselha o Paiz a experimentar a receita que é a unica maneira de viver em paz e em socego e voltar ás suas instituições tradicionais.

E nós lemos isto e pasmamos de que a censura consentisse que *aquilo* fosse escrito e faça aparecer completamente mutilados belos artigos em que se advoga a causa patriótica e republicana.

Lemos e pasmamos por saberemos que as cadeias abarrotam de cidadãos que cometeram o crime, mil vezes horrendo, de amarem a Patria e a Republica e que anda solto um infame que escreveu as palavras acima registadas.

Admiramos que talvez este artigo saia cheio de cortes e que um artigo em que o Povo é aconselhado a abolir o regimen passe, incolume, pela censura.

Se a censura só serve para amordaçar os jornais republicanos, então acabe-se com ela duma vez.

Cidadãos! Isto não pode ser assim.

Republicanos! Não se pôde nem deve admitir que as prisões se encham de republicanos e que individuos que abertamente conspiram contra a Republica gosem os prazeres da Liberdade.

Não pode nem deve ser assim, porque é um abuso que os republicanos não devem consentir.

Bem sabemos que se presume que ha a liberdade de imprensa, mas, nesse caso, abula-se a censura que atualmente só existe para os jornais republicanos.

Abram-se as portas das prisões aos que dizem implicados nos ultimos movimentos pois que «Dominó Verde»—o autor do artigo a que nos vimos referindo—cometeu um crime de sedição e encontra-se em liberdade! Republicanos, alerta!

Coimbra, Novembro de 1918.

Alvaro Correia Duque.

Muito obrigado!

(Censurado do n.º 4, de 23 de novembro)

Desdobrava o último numero da «Alma Popular». O meu espirito apreensivo e triste desanuviou-se e uma réstea dessa alegria que foge em breve bafejou-o cariciosamente ao ver em branco o nosso modesto arrazoado.

Além do pseudónimo que escolhemos para firmar e assumir a responsabilidade de tão despretencioso escrito, nada, absolutamente nada, escapára á dureza da censura!

Honra imerecida que não me foi possível gosar nos tempos *negregandos* do democratismo em que o *déspota* do snr. Ministro do Interior, Almeida Ribeiro, deixara passar em letra redonda acusações á sua illustre pessoa. E tão graves eram essas acusações á pessoa *intolerante e reaccionaria* do ex-monarquico, inimigo da liberdade que se chegava a crer que s. ex.ª—ou os seus aulicos censores—cortavam impudicamente o que toda a gente lia.

Nós, confessamos—e nessa confissão ia um pouco de *pendimento*—fomos bem bórdamos e acreditamos que s. ex.ª... verdadeiramente, o espirito *trógrado* e reaccionario, o inimigo mais irreconciliavel da liberdade do nosso famoso Portugal.

E enganamo-nos, porém. E' verdade que a imprensa se não cansou de o fustigar e que s. ex.ª caia num charco de sangue, agarrado á sua obra; mas não é menos certo que esse sangue derramado pela justiça e pela liberdade, esse sangue que devia cimentar a união, estabelecer a paz nesta familia anarquizada, não teve, infelizmente, o condão de modificar, sequer, os sentimentos intolerantes e sectarios dos homens que se propunham modificar os costumes.

E' assim que nós vemos, numa hora de sublime idealismo, mãos firmes passarem traços sobre leis de excepção e o pensamento, liberto duma censura que asfixiava, tecer hossanas aos proselitos da liberdade. Mas tudo efemero!

Os erros do passado continuavam no estado latente e só a hipocrisia podia salvar uma situação que começava a julgar-se insustentavel.

Dai, a palavra liberdade soar continuamente aos nossos ouvidos, apregoada por uma imprensa com direitos excepcionais, enquanto a censura se restabelecia na sua forma mais hedionda para os inimigos da *seita*, distarçada sob as dobras da bandeira da Patria.

Suprimiu-se a imprensa que se deu ao despalante da livre critica e proibiram-se as livres e inofensivas beliscaduras que podessem irritar ou fazer sorrir quem o acaso guindára ás culminancias do poder.

E, na furia de liberdade, somos tambem mimoseados com os delicados cortes da censura, esquecida esta instituição de que tal facto nos leva a enviar-lhe daqui um sincero—*Muito obrigado!*

CELAS.

A «Alma Popular», é um dos maior tiragem no distrito de Aveiro.

Manuel Nunes Ferreira Neves

MAMARROSA

Com estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão tanto para homens como para senhoras, bordados e guarda-soes, tanto em sua casa como nas feiras da Palhaça e Cantanhede, aonde pode ser preferido pelos seus modicos preços.

CICLISTAS

Experimentai os nossos artigos. Temos sempre em deposito todos os acessorios de bicicletas e motocicletas. Grande stock de casacos de borracha. Representantes em Portugal da afamada bicicleta Swift. Grandes descontos a revendedores.

Sociedade Commercial Portuense Lda. - 38, Galeria de Paris, 40 - Porto

Officina de cantaria

DE

ANTONIO DE FREITAS

Rua Direita, AVEIRO e MAMARROSA

Contratam-se jazigos e capelas, tanto grandes como pequenas. Confecionam-se mausoleus, campas, tumulos, estatuas para sepulchros.

Ha sempre pias para cozinha, e tudo que diz respeito a obra de Cantaria. Seriedade nos negocios.

Adubos, sulfato de cobre, enxofre, cimento, etc.

Bernardino Joaquim de Carvalho

Oliveira de Bairro

Antonio de Jesus Alferes

Samel - ANADIA

Com officina de serrelharia, fabricante de objetos de pequenas dimensões, reparação de bicicletas, maquinas de costura e accessorios para as mesmas.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

PLANTAS E SEMENTES

para jardins, hortas, prados, parques e pomares.

MARIO MOTA - Horticultor

Rua Nova Cintra, 38 - PORTO

Telefone, 2.038 - Telegramas - Marimota

Peçam o catalogo n.º 2 que se envia gratis.

CUSTODIO TEIXEIRA DA ROCHA

SOBREIRO - Oliveira do Bairro

Mestre de obras, estuador e pintor, encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte desde os mais simples aos mais complicados.

Preços os mais modicos possiveis

MANUEL FERREIRA CANÃO

Com estabelecimento de mercearia, ferragens, tintas, vidraça, cimentos, adubos, enxofres. Aos sabados com talho de carne de vaca em Bustos.

Tudo por preços modicos.

Sobreiro - Oliveira do Bairro.



SEMENTES de todas as qualidades

Compram e vendem

Alfredo Carneiro de Vasconcelos & Filhos

105, Rua de S. João, 111

PORTO

Santiago A. A. Mendes

Sã de Sangalhos - Anadia

Como tenciona liquidar o seu grande stock de fazendas de lã, seda e algodão previne a sua numerosa clientela, que apesar das grandes subidas, mantem os preços antigos, concorrendo ás feiras da Palhaça, Oliveira do Bairro, Moita e Vilarinho do Bairro, aonde pode ser preferido.

Manuel A. Ferreira Pires

Oliveira do Bairro - Povoá do Forno

Com estabelecimento de ferragens, farinhas, mercearia, miudezas e artigos de bicicletas, tintas e vidraças, calçado para homem e criança. Deposito de cimento de diversas marcas. Deposito de bolachas e biscoitos. Agencia de seguros.

João de Jesus Branco

Malhada - Covões

Encarrega-se de todos os concertos de relógios. Forcorre ás feiras da Palhaça, Cantanhede, Meadela e Oliveira do Bairro, aonde pode ser procurado, vendendo todos os seus artigos por preços os mais modicos possiveis.

Antonio Rodrigues Bair

Bemposta - Anadia

Vende e concerta bicicletas de todos os temas. Tem em deposito grande stock de pneumaticos e camaras que vende por preços excessivamente baratos. Converte pulverisadores de todos os sistemas e tem accessorios para os mesmos.

Artigos para funerais

SORTIDO COMPLETO

Coroas, palmas e bouquets de flores artificiais. A casa que mais barato vende

Abel Moia & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 300-1.º

PORTO

Telefone n.º 2198.

Manuel da Silva

Povoá do Carreiro - Troviscal

Com officina de reparação de bicicletas de todos os sistemas e accessorios para as mesmas. Granda stock de pneumaticos e camaras de ar dos melhores autores. Concerte pulverisadores de todos os sistemas

Preços baratos.

Esperimentar para crer.

Jaime Costa

FUNILEIRO

Encarrega-se de fabricar e concertar gazometros, alambiques e pulverisadores de todos os sistemas por

Preços modicos

VILA VERDE - Oliveira do Bairro

Todos devem preferir:

os vinhos

de

Borges & Irmão

Só triunfa quem segurar na companhia TRIUNFO

Vinhos

Para fabricar e obter vinhos seguros, limpidos e de bom sabor empregue-se a

SOLUÇÃO SULFOROSA 'Jol', Pedidos a - Lopes Vieira, Limitada - rua de S. Paulo, 111 Lisboa

-O' compadre, tens o teu relógio a concertar?
-Tenho sim.
-Aonde?
-No Capela.
-Quem é o Capela?
-E' o antigo corredor de sa mel.

-Ah já sei. Concertou lá um brinco da comadre por sinal que ficou um primor. Podes pois dormir e descansar, que ficas bem servido.

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

O mais suave e o mais eficaz dos tónicos. Não produz dores no estomago. Não enegrece os dentes. Pode ser ministrado a adultos, velhos e crianças, especialmente no tratamento de ANEMIA, CHLOROSE DEBILIDADE

GOTTAS
EMPOLAS
GRANULADO

THERAPEUTICA COLLOIDAL
Ironina
FERRO COLLOIDAL

Deposito - FARMACIA SOUSA - Quinta Nova.

Quem tem amor á saúde, avia as suas receitas na Farmacia Souza da Quinta Nova, com 23 anos de existencia.

À COLONIAL

Companhia de seguros

Capital, Esc. 1.500.000\$00 Fundada em Janeiro de 1916
3 - Largo do Barão do Quintela - LISBOA

Seguros contra riscos maritimos e de guerra. Seguros contra incendio, roubo cristais, quebra de vidros. Seguros de automoveis. Seguros contra todos os riscos provenientes de greves e tumultos, Seguros agrícolas, Seguros postais.

Exercício de 1917

Premios cobrados	Esc. 2.449.841\$27,5
Sinistros pagos	864.475\$07,6
Reservas constituídas	272.025\$14,7

DIVIDENDO DISTRIBUIDO : 15 %
Agencia geral maritima, Praça do Municipio, 13, LISBOA
Sutursal no Porto: David José de Pinho e Raul Monteiro Guimarães, Rua da Nova Alfandega, 19.
Agentes e correspondentes em todo o continente, colonias e ilhas adjacentes
Agencia geral em Espanha.
Correspondentes em Inglaterra, Brazil, França, Italia, Dinamarca etc.